ORAÇAÕ FUNEBRE, E CONSOLATORIA,

QUE NA LAMENTAVEL, E SEMPRE SENSIVEL MORTE DO SERENISSIMO SENHOR

D. JOSEPH,

PRINCIPE DO BRASIL, E DUQUE DE BRAGANÇA

OFFERECE

AO EM.MO, E R.MO SENHOR CARDEAL PATRIARCHA ELEITO

INNOCENCIO JOSÉ DOS REIS.

LISBOA:
NA OFFIC. DE LINO DA SILVA GODINHO.

ANNO M. DCC. LXXXVIII

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Dies Domini, ſicut fur in nocte, ita veniet.

Theſſal. cap. 5. verſ. 2.

EM.^{MO}, E R.^{MO} SENHOR.

QUE me poderia a mim, Emminentiſſimo Senhor, fazer romper o ſilencio da minha rouca, e diſſonante voz, ſe naõ huma taõ agúda dôr na incomparavel ›erda da Real Alteza do Sereniſſimo Senhor D. OZÉ Principe do Braſil, por cuja cauſa, na ›rezente Oraçaõ, que a V. Emminencia offere-o, de algum modo deſafogo a juſta mágoa ue a todos nos penaliza, e a quem com mais ázaõ eu a deveria offerecer, ſenaõ a V. Emmi-encia, em quem conſidero juſtos motivos para ara ſer penetrado da commum dôr, que a to-os nos inquieta.

Sendo pois, Senhor, lei univerſal a mor-: para todos os viventes, e para os homens tatuto irrefragavel: *ſtatutum eſt hominibus ſe-el mori*, pagou-lhe o ſeu tributo a maravilha ais rara da natureza, que Portugal tinha dado luz. Morreo (fatal annuncio!), e eſpirou a ais brilhante luz, que á vinte e quatro dias eios de jubilo, e contentamento feſtejámos o liz dia em que completava vinte e ſette annos : idade, e hoje vemos ſahir ſeu Cadaver nas mbras de huma funeſta Urna, ficando-nos o ſtante nas cinzas de hum Mauſuleo, para que

Heb. cap. 9. v. 27.

desenganados acabemos de entender, que que
nos deu, como póde, Corôas por cinzas : *U*
darem eis coronam pro cinere, hoje deixa n
cinzas por Sceptros. Acabou finalmente a f
vida (oh dôr!) o sempre memoravel, e magn
nimo Principe do Brasil, e Duque de Bragan
o Senhor D. JOSÉ, que nunca havia de mo
rer : aquelle cujo coração, como inflama
Ethna, servio de frag a, em que por todo
espaço de sua vida se forjou o estimulo mais
gúdo da nossa mágoa; e para que este fosse pe
petuo verdugo da nossa saudade, e naõ pode
se-mos já mais fabricar escudo para lhe rebat
os golpes, levou-nos a fragoa, e deixou-nos
estimulo.

Isai. cap. 61. v. 3.

Mas que digo! Acabou, Senhor, a sua v
da o nosso amablissimo Principe? Naõ póde se
porque como era justo na opiniaõ de todos, t
dos sabem, e he de fé, que os justos naõ cabe
na jurisdiçaõ da morte : *Non tanget illos to*
mentum mortis, e antes tem, como diz Ez
quiel, hum seguro real da vida : *Justus est*, e
vita vivet. Logo como he possivel que moress
Como póde ser que acabasse? Bem podera e
dizer, como já se disse em similhante occasiaõ
que os nossos peccados foraõ que lhe tiráraõ
vida, e os que em similhante morte derribára
das nossas cabeças a mais estimavel Corôa : *C*
cidit corona capitis nostri : væ nobis, quia pecca
vimus! Mas como naõ era razaõ, que o just
pagasse pelo peccador, fique reservada a per

Sap. cap. 3. vers. 1.

Ezaq. cap. 18. v. 9.

Thr. cap. 5. v. 16.

para quem cometteo a culpa, e procuremos outra causa á sua morte. Muitas saõ as que me occorrem; mas como naõ he possivel referillas todas, darei só duas, que me parecem mais ajustadas.

A primeira foi querer esta brilhante luz seguir os passos do seu Sol, e este Fidelissimo Filho as pizadas de seu Pai o Senhor Rei D. PEDRO III., que eternamente viva; porque como elle tinha sido precursor do seu nascimento, anticipando-se para depois lhe dar o ser, quiz tambem elle seguir as pizadas de seu Pai, como a precursor da sua morte, e ambos se juntáraõ no Ceo onde os considera a nossa pia credibilidade.

A segunda razaõ he, porque como Deos tem contados na sua mente os annos, os mezes, os dias, as horas, os minutos, e os instantes da nossa vida, e lhe tem posto termo fixo, que ninguem póde exceder: *Constituisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt*, chegou o nosso Principe ao termo da sua vida, que sendo taõ util, naõ houve mais remedio que o morrer, por mais que a medicina se apurou, e as nossas preces se multiplicáraõ a Deos pela sua vida, e saude. Mas, ah meu Deos! ainda que veneramos os segredos occultos, e altissimos da vossa Providencia Divina pareceo intempestiva esta morte. Eu o mostro com a infalibilidade da vossa mesma palavra.

Job. cap. 14. v. 5.

Setenta annos decretaſtes vós, Senhor, para a vida ordinaria do homem: *Dies annorum noſtrorum in ipſis, ſeptuaginta anni*; e para os rebuſtos, e poderoſos oitenta: *Si autem in potentatibus, octoginta anni.* Naõ fallo nas excepções deſta regra, que ſaõ morrerem huns na flor da idade para que ſe naõ pervertaõ: *Raptus eſt ne malitia mutaret intellectum ejus*; outros antes do meio dos dias para que naõ peiorem: *Doloſi non dimidiabunt dies ſuos*; e outros finalmente depois dos oitenta, para trabalho, e dôr: *Amplius labor, & dolor*; porque como naõ deſejavamos eſte trabalho, e eſta dôr ao noſſo Auguſto Principe, nem havia receio de ſe perverter, e muito menos de peiorar, á viſta da innocencia da ſua vida, e conſtancia da ſua virtude, naõ eſperavamos que morreſſe neſſas idades. Mas, Senhor, ſe o noſſo Auguſto Principe era de taõ conſtante, e conhecida virtude, pela qual razaõ naõ temia-mos ſe perverteſſe, para que eſpirou na flor da idade, naõ chegando a cumprir ao menos os decretados ſetenta annos para a ordinaria vida do homem? Bem ſei que póde reſponder o diſcreto, que eſte termo naõ he ponto Mathematico; mas como Deos naõ obra, nem deixa obrar couſa alguma ás cauſas ſegundas, ſem fim eſpecial da ſua Providencia, qual foi, ou póde ſer o que teve, para que tendo ſua Alteza Real chegado á flor da idade ſem deſmentir hum ſó paſſo da ſua ajuſtada vida naõ chegaſſe a completar os ſetenta annos? O ver-

da-

Pſ. 89. verſ. 10.

Ibidem.

Sap. cap. 4. v. 11.

Pſ. 54. verſ. 25.

dadeiro ſó elle o póde ſaber : o que eu diſcorro foi , ou póde ſer querer , que a ſua morte foſſe hum roubador occulto , e disfarçado , que nos levaſſe a ſua vida quando menos o eſperavamos. He o que diz S. Paulo fallando da morte , e do ſeu dia : *Dies Domini , ſicut fur in nocte , ita veniet. Latet ultimus dies* , diz Santo Agoſtinho. Mas iſto para que ? Em ordem aos que morrem , ou haõ de morrer , diz o Santo , que ſe lhes occulta o ultimo dia , para que obſervem bem todos : *Ut obſerventur omnes dies* ; mas em ordem a quem fica , e principalmente a nós , para que ſe havia de occultar a morte do noſſo Auguſto Principe ? Foi para que a noſſa dôr na ſua falta foſſe mais cruel , mais tyrana a noſſa mágoa , mais ſem alivio , e lenitivo a noſſa pena.

Theſſal. cap. 5. v. 2
Lib. 2. de doctrin. Chriſt.

Pinta-ſe a morte de ordinario desfigurada , ſem fórma , ou em hum eſqueleto horrivel , e eſpantoſo. Aſſim o moſtraõ as idéas , que a fidelidade dos noſſos Luſitanos tem mandado eſculpir neſſas funeſtas targes , e explicar neſſes deploraveis diſticos , e epitafios , que todos os dias eſtamos vendo neſſes pompoſos , ainda que triſtes apparatos , para dezafogo da noſſa mágoa ; e aſſim o eſcreve tambem o Autor do Theatro da vida humana em huma eſtatua de oſſos ligados , com alguns muſculos , ou fibras , que o tempo naõ conſumio ainda , e a Providencia Divina conſerva para noſſo deſengano , ſem olhos , ſem ouvidos , ſem olfacto , núa , ſem carne , e

ſem fórma, ſem ſexo, e com huma fouce na maõ: *Oſſea tota, abſque oculis, abſque auribus, abſque naſo, nuda, ſine carne, & ſine forma, ſine ſexu, cum falce in manu.* Sem olhos, porque naõ vê os eſtados, os gráos, e as dignidades daquelles a quem tira a vida, e por iſſo os Pontifices, os Ceſares; os Reis, os Principes, os Grandes, e os pequenos todos lhe págaõ tributo: *Sub tua purpurei veniunt veſtigia Reges Depoſito luxu, turba cum paupere mixti omnia mors æquat*, diſſe Claudiano. Sem ouvidos, porque nenhumas preces ouve, nem attende ás mais internecidas lagrimas: *Heu, heu, quam ſurda miſeros avertitur aure. Et flentes oculos claudere ſæva negat!* decantou Boecio. Sem olfacto, porque lhe naõ ſervem de antidoto os aromas das precioſas virtudes, que por iſſo Iſaias diſſe, que na podridaõ dos cadaveres ſe varia á morte eſte ſentido: *Erit pro ſuavi odore fætor.* Núa, ſem carne, ſem fórma, ſem ſexo, e com fouce; porque nem aos ricos bem roupados, nem aos pobres mal veſtidos, nem á mocidade florida, nem á velhice arrugada, nem á formoſura eſtimada, nem á fealdade abatida, nem a homens finalmente, nem a mulheres reſpeita, mas por todos igualmente corta, como o ſegador as eſpigas: *Ipſa rapit juvenes, prima florente juventa, (decantou o Poeta) Dira mortis veluti maturas meſſor eſpicas omnia vulnifica falce cruenta ſecat.*

Beherl. verb. Mors.

Claud. in rap. Proſerpinæ.

Lib. 1. de Conſ.

Iſai. cap. 3. v. 24.

Apud Baherl. cit.

Aſſim

Aſſim he , contigo fallo ó tyrana morte, aſſim he que a todos cortas , aſſim he que a ninguem perdoas , e por iſſo , por ironía te chamaõ Parca, e como naõ fazes excepçaõ de peſſoa, por iſſo deſcarregaſte o mais cruel, e deſhumano golpe, em huma vida digna de ſe eternizar. Mas ſe naõ tiveſte olhos (reſponde, cruenta féra) para veres a Soberania , a Mageſtade, e o reſpeito do noſſo Auguſto Principe; ſe naõ tiveſte ouvidos ſenaõ para ouvires as rogativas com que todos lhe pedia-mos a vida, o clarim da fama , que a publicava digna de durações eternas ; ſe naõ tiveſte olfacto para perceberes a ſuavidade das ſuas virtudes , nem tacto para ſentires os movimentos do Auguſto, e Real Sangue, que pulſava nas ſuas veias , como tiveſte maõ, e fouce para lhe tirares a vida ? Has de carecer de todas as faculdades, que podiaõ conduzir para a ſua conſervaçaõ , e has de conſervar maõ, e fouce para lhe dares a morte? Sim: *cum falce in manu* , que iſſo he ſer roubador nocturno , e ſalteador encuberto : *ſicut fur in nocte, ita veniet.* Havia de roubar-nos a morte na vida do noſſo Auguſto Principe a prenda mais eſtimada; e para que naõ foſſe ſentida, e nós entendeſſe-mos, que naõ tinha maõ para ſimilhante roubo, nem inſtrumento para ſimilhante golpe, appareceo deſtituida de todas as mais faculdades : *Abſque oculis* , *&c.*

Mas naõ pára aqui Emminentiſſimo Senhor, o engano da morte , ainda paſſa mais adiante:

cum

cum falce in manu. Demos que a morte tenha maõ, e tenha fouce: parece que naõ podia cortar tal vida, e com ſimilhante inſtrumento, e dou a razaõ. De tres modos coſtuma vir a morte a fazer os ſeus eſtragos: com paſſos lentos, e a pé; correndo, e de cavallo; e finalmente voando. Voando quando mata os meninos, para cujo effeito deixa de correr por voar; e deſte modo a vio Zacarias na figura de hum livro: *Vidi, & ecce volumem volans.* Correndo, e de cavallo, quando deſcarrega o golpe ſobre os moſſos até ao meio dos annos, e entaõ deixa de andar por correr; e deſte modo a vio o mimoſo Evangeliſta no Apocalypſe: *Ecce equus pallidus: & qui ſedebat ſuper eum, nomen illi Mors.* Finalmente a pé, e com paſſos vagaroſos, quando tira a vida aos velhos, e aos de decrepita idade, ou muitos annos, e deſte modo a vio Habacuc no triunfo de Cyro, invadindo a Babylonia, e deſtruindo a Balthazar: *Ante faciem ejus ibit mors*; o que ſuppoſto perguntara agora: e em qual deſtas figuras ſe pinta a morte com fouce? Só quando ſe eſcreve com azas, voando, e na figura de livro: *Vidi, & ecce volumen volans*: *Vide, & ecce falx volans*, vertem os ſetenta. Pois ſe ſó ſe pinta com fouce, quando ſe eſcreve com azas, e com eſtas ſó ſe nota, quando vem a matar os meninos, e naõ os de maior idade, paſſando a S. A. Real de 27 annos, e 21 dias, quando morreu, naõ podia, nem devia a morte tirar-lhe a vida com ſimi-

Zach. cap. 5. verſ. 1.

Apocal. cap. 6. v. 8.

Hab. cap. 3. verſ. 5.

mi-

milhante iuſtrumento, ou com a fouce com que a vio Zacarias.

Aſſim havia de ſer, ſe a meſma morte nos naõ quizeſſe enganar, apanhando-nos deſcuidados; mas como nos quiz fazer eſte engano, para fazer o roubo mais a ſeu ſalvo, mudou de eſtylo, e veio ſó correndo quando nos vio divertidos, e quaſi ſeguros no que naõ há, nem póde haver eſtabilidade, e firmeza, tomou a fouce, e batendo as azas, veio correndo, como ſe vieſſe voando a tirar-lhe a vida, como ſe foſſe innocente. Oh morte! E quanto enganas! Mas, ah homens! E quaõ pouco nos deſenganamos com os enganos da morte! He verdade tyrana morte, he verdade que nos enganaſte, como ſempre; mas neſſe teu meſmo engano ficaſte agora deſenganada; porque levando a vida de hum Principe na flor da idade, penſavas levar huma vida eſtragada; mas levaſte huma innocencia provada, e conhecida por todo o tempo da ſua vida. E á viſta diſto, deshumana Parca, de que ſervio o teu engano? Para que foi o teu disfarce? Já eſtá dito, e agora mais claramente o direi: para que a noſſa dôr foſſe mais cruel, mais tyrana a noſſa mágoa, mais ſem alivio, e lenitivo a noſſa pena.

Para eſta intelligencia, Emminentiſſimo Senhor, ſupponho que o roubo, que a morte fez na vida do noſſo eſtimavel Principe, naõ foi a elle, foi a nós: elle foi a couſa roubada, e nós aquelles a quem o roubo ſe fez. O disfar-

ce

ce deſte roubo naõ foi para elle engano, nós fomos os enganados; porque elle como Juſto, tinha-a prevenido antes; e nós como lhe deſejavamos a vida eſtavamos deſcuidados: e como eſte golpe nos ferio quando menos o eſperavamos, por iſſo foi o mais ſenſivel, o mais tyrano, e cruel.

Querendo S. Gregorio Papa expôr-nos aquellas palavras, em que Chriſto por S. Lucas quer prevenir aos homens nos eſtragos do Juizo final: *Cum audieritis prælia, & ſeditiones; nolite terreri*, diz aſſim: *Dominus, ac Redemptor noſter perituri mundi præcurrentia mala denuntiat, ut eò minus perturbent, quò fuerint præſcita.* O noſſo Redemptor annunciamos os malles, que haõ de acontecer no fim do mundo, para que eſtes nos perturbem menos, quando mais prevenidos; e dá logo a razaõ, dizendo que ferem menos as ſettas previſtas, e eſperadas: *Minus enim jacula feriunt, quæ prævidentur.* Logo ſeraõ mais ſenſiveis, e mais crueis os golpes, que naõ forem eſperados, e prevenidos. A conſequencia eſtá moſtrando, que ſendo de nós taõ pouco eſperada a morte do noſſo Auguſto Principe, ou a ſetta, que lhe tirou a vida como tenho dito, quem póde duvidar que foi, e ſerá ſempre o eſtimulo mais agúdo, e penetrante da noſſa dôr.

Luc. cap. 21. v. 9.

Hom. 35.

Ibidem.

Quem me dera agora a eloquencia, e authoridade, de hum Doutor Maximo (como em ſimilhante empreza deſejava o Meſtre dos Prega-

do-

dores o P. Antonio Vieira) para fallar da morte do meu Principe, como elle fallou no funeral de Marcella, e Fabiola, na morte de Faustina, e no epitafio de Paula! Quem me dera a facundia de Claudiano, para ponderar o roubo, que a morte nos fez no falecimento de S. A. Real, como elle ponderou o de Prozerpina! Mas como tudo isto me falta, profigo os motivos da perseverança da nossa dôr. Como se ha de apartar esta de nossos corações, se a sua causa foi a morte de hum Principe a quem a natureza concedeo juntas, e em gráo heroico todas aquellas prendas, que tem distribuido pelos mais celebrados Heroes do mundo.

Naõ me detenho, Emminentissimo Senhor, em fallar nos elogios, que merece a ardente caridade deste Augusto Principe; porque tem sido, e será assumpto de mais elevadas pennas, como juntamente o publicaõ aquelles mesmos, que vendo-se atropelados da misera indigencia, eraõ por elle largamente soccorridos. Eu deixo de relatar os dotes da graça, em que S. A. R. foi taõ extremado, como o publicaõ as virtudes com que deixou idificado este Reino, as quaes seraõ padraõ eterno da sua immortal fama. No amor, e caridade Divina foi exemplar, e em fim nasceraõ com elle todas as mais virtudes; e para prova desta verdade bastava ser filho de huma Mãi, cujas virtudes seraõ assumpto de muitos livros, e naõ acabaraõ de se referir já mais, por mais que se cansem os prélos, e se empenhem os juizos.

E

E como á viſta de ſimilhante roubo, e de ſimilhante perda naõ temos conſolaçaõ, nem alivio, choremos, choremos ó inconſolaveis Portuguezes, a lamentavel morte do noſſo Principe; porque deſte modo moſtramos a penetrante dôr, que taõ juſtamente nos magôa, e de novo nos tornemos a queixar da morte. Oh Morte huma, e muitas vezes cruel, e tyranna! Tu foſte a cauſa unica da noſſa dôr. Glorea-te pois tyranna morte, de que como roubador nocturno, e ſalteador encuberto executaſtes o maior eſtrago, e nos privaſte da mais precioſa joia. Mas adverte, que ainda que por eſta cauſa nos deixaſte com as lagrimas nos olhos, o ſentimento n'alma, e no coraçaõ a dôr, trasladaſte o noſſo Auguſto Princrpe, como piamente crê-mos, da terra para o Ceo, e do Reino caduco para o eterno, onde em premio das ſuas virtudes goſará de Deos para ſempre, e deſcanſará eternamente em paz.

Eſta he, Emminentiſſimo Senhor, a unica conſolaçaõ que em taõ lamentavel perda nos conforta, crêr-mos (com juſta cauſa) que o noſſo amabliſſimo Principe ſubio a goſar dos Eternos premios de que neſta vida ſe fez merecedor, e que do omnipotente fará deſcer copioſas bençóes ſobre V. Emminencia como taõ Sabio Prelado de que o Ceo nos quiz fazer dignos.

F I M.